



---

ARTIGOS - ARTICLES

---

## Relíquias da existência de um intelectual: os mundos fraturados de Júlio de Mesquita Filho na “Era dos Extremos”

Francisco Adriano Leal Macêdo<sup>1</sup>

Mestrando em História do Brasil  
Universidade Federal do Piauí  
[adrianolealmacedo@outlook.com](mailto:adrianolealmacedo@outlook.com)

Como citar este artigo: MACÊDO, F. A. L. “Relíquias da existência de um intelectual: os mundos fraturados de Júlio de Mesquita Filho na “Era dos Extremos”, n.º8, pp. 108-124. 2019. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

**Resumo:** Este artigo tem como mote localizar panoramicamente aspectos da trajetória de vida do jornalista Júlio de Mesquita Filho, proprietário do jornal “O Estado de São Paulo”, a partir de discurso proferido quando foi paraninfo de uma turma do curso de direito da Universidade de São Paulo em 1948 e um depoimento autobiográfico escrito na década de 1960. Os escritos aqui postos em análise fazem um esforço de reconstituição do itinerário intelectual e existencial do personagem, situando as questões que o mobilizaram mais intensamente. Esses enunciados constituem documentos necessários para a compreensão de como o sujeito que desejou tomar parte do debate intelectual em torno da consolidação da República brasileira e os modelos de sociedade adequados compreendia a si mesmo e seus propósitos. Para a interpretação das fontes e estabelecer as balizas de aclimação, três noções centrais são caras, ainda que não evidenciadas textualmente: “estar no mundo” (Dasein), conceito desenvolvido por Paul Ricoeur a partir da filosofia de Heidegger; “escrita de si” (Self Writing), utilizando a apropriação da historiadora Ângela de Castro Gomes do conceito foucaultiano; por fim, a categoria de “cone da memória”, trabalhada por Ecléa Bosi a partir de estudos do filósofo Henri Bergson. Como balizas historiográficas, são centrais os estudos dos historiadores Nicolau Sevcenko e Eric J. Hobsbawm.

**Palavras-chave:** Júlio de Mesquita Filho. Ontologia. Intelectuais. Autobiografia. Memória.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí (2018) e mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil.

*Relics of the existence of an intellectual: of Júlio de Mesquita Filho in the “Age of Extremes”.*

**Abstract:** This article aims to panoramic aspects of the life trajectory of journalist Júlio de Mesquita Filho, owner of the newspaper “O Estado de São Paulo”, based on a speech given when he was a *paranymphus* of a class at the Law School of Universidade de São Paulo, in 1948 and an autobiographical testimony that was written in the 1960s. The writings put here under analysis make an effort to reconstruct the intellectual and existential itinerary of the character, situating the issues that most mobilized him. These statements are necessary documents to understand how the subject who wished to take part in the intellectual debate around the consolidation of the Brazilian Republic and the appropriate models of society understood himself and his purposes. For the interpretation of the sources and to establish the acclimation marks, three central notions are dear, although not evidenced in the text: “being in the world” (Dasein), a concept developed by Paul Ricoeur based on Heidegger's philosophy; “Writing of the self” (Self Writing), using the appropriation of the historian Ângela de Castro Gomes of the Foucaultian concept; finally, the category of “memory cone”, worked on by Ecléa Bosi based on studies by the philosopher Henri Bergson. As historiographical beacons, the studies of historians Nicolau Sevcenko and Eric J. Hobsbawm are central.

**Keywords:** Júlio de Mesquita Filho. Ontology. Intellectuals. Autobiography. Memory.

A verdadeira imagem do passado *passa voando*. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade. [...] Pois é uma imagem irrecuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visado por ela. [...] Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “tal qual ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo.

(Walter Benjamin, *Obras escolhidas*, v. 1, pp. 243-244).

**Considerações iniciais:** “nadando nas margens do rio do tempo”

Os esforços em estudar os intelectuais que atuaram na cena política e social brasileira tomam como objeto de análise indivíduos dos séculos XIX e XX. As conclusões apresentadas possuem semelhanças e diferenças sutis, variando conforme a temporalidade e os conceitos que os preocuparam. Nesse ponto, e, como desdobramento de uma pesquisa anterior<sup>2</sup>, o personagem aqui estudado é um intelectual paulista que atuou no século XX através de livros publicados e editoriais em seu próprio jornal, a saber, *O Estado de São Paulo*.

---

<sup>2</sup> Trata-se do trabalho monográfico produzido para a obtenção do título de graduado em História. Ver: MACÊDO, Francisco Adriano Leal. *Nação como retórica: a construção da ideia de Brasil por Júlio de Mesquita Filho (1932-1964)*. 2018. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Trata-se de Júlio de Mesquita Filho<sup>3</sup>, indivíduo cuja notoriedade familiar já vinha sendo consolidada desde o século XIX. Frente às fontes pesquisadas sobre o sujeito em questão, encontramos a “possibilidade metodológica de se trabalhar com a dimensão social do pensamento e das ideias dos atores, explorando-se fontes que indicam ‘pistas’ e ‘indícios’”<sup>4</sup>.

Acrescentamos ainda que os saberes acadêmicos não devem ser tomados como definitivos. A temática em questão não está esgotada agora nem estará após a conclusão dessa pesquisa completa<sup>5</sup>. O perigo do conhecimento se fechar em si mesmo como um domínio ascético deve ser combatido com novas pesquisas e outras perspectivas. Nesse sentido, a História intelectual tem uma amplitude de diálogo cujas respostas são parciais. Uma resposta dá origem a muitas perguntas. Na historiografia, se observada por um olhar mais cuidadoso, percebemos frestas abertas para questionamentos. Trata-se, talvez, do “impulso vital” do conhecimento que nunca cessa, ultrapassando qualquer noção de natureza estática. O texto aqui proposto se alimenta desse impulso vital, submetido a virtualidades e incômodos do nosso tempo, na trilha de antigos e novos mistérios que ainda permanecem nas sombras (Bergson, 2005).

Depois dessa breve introdução, apresentemos o personagem. Nascido na última década do século XIX, Júlio de Mesquita Filho alcançava os anos sessenta do século XX já sentindo o envelhecimento do corpo, adivinhando os

---

<sup>3</sup> *Júlio de Mesquita Filho* nasceu na cidade de São Paulo no dia 14 de fevereiro de 1892, filho de Júlio César de Mesquita e de Lucila Cerqueira César de Mesquita. Seu pai foi advogado, deputado estadual na República Velha e proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, fundado com o nome de A Província de São Paulo por seu avô materno, José Alves de Cerqueira César, grande proprietário rural representante da lavoura cafeeira do Oeste Novo paulista. Sua irmã, Raquel Mesquita, casou-se com Armando de Sales Oliveira, interventor federal em São Paulo de 1933 a 1935, governador de 1935 a 1936 e candidato à presidência da República nas frustradas eleições de 1938. Ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. Júlio de Mesquita Filho. Verbete Biográfico. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo>> acessado em 07 de mar. de 2019.

<sup>4</sup> A historiadora brasileira Angela de Castro Gomes argumentou que as novas abordagens da historiografia depois da década de 1980 lançou novos objetos e fundou novas interpretações da História do Brasil. Um exemplo dessa tendência é a história intelectual, ou história das teorias e dos sistemas de pensamento que manejavam a visão de mundo de sujeitos que se propuseram pensar a realidade nacional. Ver: GOMES, Angela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para debate. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.34, jul-dez, 2004. pp. 157-186.

<sup>5</sup> Me refiro ao projeto de mestrado no âmbito do PPGBH – UFPI intitulado “AQUELA NAÇÃO QUE O SEU GRANDE PASSADO PROMETIA”: *Estado, Liberalismo e Tradição* nas ideias de Júlio de Mesquita Filho (1925-1964).

limites da sua existência. A essa altura, já contabilizava dois exílios, frutos de suas posições políticas<sup>6</sup>. A vida que havia levado até então pode ser esclarecida seguindo as trilhas postuladas por François Hartog sobre os regimes de historicidade. Refletimos sobre como um indivíduo ou uma coletividade se instaura na História, nas palavras de Hartog, “[...] regime de historicidade não é uma realidade dada [...]. Ele pode ser um artefato para esclarecer a biografia de um personagem histórico”, seja um homem público ou comum (Hartog, 2014, pp. 12-13).

Analisar um relato autobiográfico e um discurso leva a um terreno escorregadio. Isso lembra quando Robert Darnton escreveu sobre Jacques-Pierre Brissot, notando a cimentação de uma série de mitos em torno da biografia guiada pelas memórias do personagem. Havia Brissot se esforçado em linearizar a sua trajetória de vida como uma “encarnação do espírito revolucionário”. O historiador teve que adicionar “carnação” a essa persona que parecia as vezes a materialização de ideias grandiosas, fazendo ser da “[...] juventude em diante a imagem completa de todas as aspirações de uma geração” (Darnton, 1987, p. 50). Acontece algo semelhante em outros lugares do mundo e em outras épocas. Júlio de Mesquita Filho pode ser um desses sujeitos personalizados e descarnados, quando os únicos fragmentos de suas existências são dizeres lineares, idealismos transcendententes, habitando um corpo que apenas servia como janela do espírito. Na busca implacável por nomear a realidade e dotá-la de coerências, cai-se nas pistas frias da História. Tentaremos fazer o percurso ao avesso, sondando as penumbras.

### **Rousseau ou Freud? O discurso de um intelectual engajado**

Ambientado no ano de 1948, Júlio de Mesquita Filha pronunciaria um discurso que demonstrava as suas concepções mais caras. Fizera essa fala a convite da turma de direito que então se formava na Universidade de São Paulo (USP), que ele mesmo havia ajudado a fundar ao lado do seu cunhado, Armando Sales de Oliveira, pouco mais de uma década antes. Assim como faria mais tarde em sua breve autobiografia, narrava as próprias reflexões

---

<sup>6</sup> O primeiro exílio de Júlio de Mesquita Filho foi em 1932, por ocasião de sua participação na chamada “Revolução constitucionalista”; o segundo seria motivado pela oposição ao “Estado-Novo”, prolongando-se entre 1938 e 1943.

memorialísticas sobre o *Fin de siècle* em que nasceu e cresceu, descrevendo como vinha sendo afetado por uma existência no século XX, assombrada pelas suas visões das guerras e demolições de ideais. O discurso é originalmente intitulado “a minha geração”, depois publicado em seu livro *Política e cultura*. Esse pronunciamento se insere na *ordem* de esforços de produção e vontades de verdades, o que compreendemos como a busca fazer surgir um novo tipo de realidade, como retomaremos a seguir. As primeiras palavras introduzem o tom da experiência que desejava relatar aos recém-formados:

Quanto mais procuro compreender as causas profundas que possam explicar o caos em que vai submergindo a humanidade; quanto mais me esforço por compreender em que possa residir a indisfarçável fragilidade das concepções políticas que em vão os homens de pensamento procuram impor aos seus semelhantes, mais me convenço de que não logrará a ciência desvendar esse mistério enquanto não lhe for dado responder a esta outra angustiante interrogação: com quem está a razão, com Rousseau ou com Freud?<sup>7</sup>

Faziam três anos que o Partido Nacional Socialista Alemão – que tinha sonhado pelo “Reich dos Mil Anos” – fora derrubado. Quase pareado à emergência de Hitler ao poder em 1933, no hemisfério sul do mundo, Júlio de Mesquita Filho havia lutado em uma “Revolução” contra o que viria a ser a consolidação da experiência brasileira do Nacional Estatismo no Brasil, conhecida como “Estado Novo”<sup>8</sup>. Essa foi uma época em que governos antiliberais situados nos espectros da extrema esquerda e da extrema direita se tornaram tendência mundial. Como ressonância de um processo que já se desenhava desde o primeiro quartel do século XX, com o fim da primeira guerra mundial, um mal-estar na civilização ocidental se faziam presentes. Os sonhos iluministas ameaçavam desmoronarem sob o peso do recente Estado de guerra entre as maiores potências mundiais. Acontecimentos como o *crash* de *Wall Street* em 1929 põe em evidência uma violenta crise no sistema capitalista. Cá no Brasil, liberais como Mesquita Filho, um jornalista que havia

---

<sup>7</sup> Este documento está transcrito para o livro “política e cultura”. Pude consultar outras versões do mesmo texto, como os rascunhos datilografados cedido por Ruy Mesquita Filho do seu acervo privado. Escolho referenciar a versão publicada em livro, que consta em rodapé a seguinte apresentação: “Palavras pronunciadas na Faculdade de Direito de São Paulo, por ocasião da homenagem que lhe foi prestada na noite de 24 de novembro de 1948”. MESQUITA FILHO, Júlio de. Dissidência republicana, reação democrática. In: \_\_\_\_\_ *Política e cultura*. São Paulo: Martins Editora, 1969. p. 63.

<sup>8</sup> Ver: MACÊDO, Francisco Adriano Leal. *Nação como retórica: a construção da ideia de Brasil por Júlio de Mesquita Filho (1932-1964)*. 2018. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

herdado o que provavelmente era então o maior jornal impresso do país, agonizava em negação perante a aparente falência daquilo que havia aprendido ser o melhor modelo de sociedade. Cabia, em tempos de reviravoltas, descobrir ou inventar o nome do jogo. Talvez fosse justamente esse o mote do discurso de Júlio: treinar a nova geração com as memórias da sua.

O seu sondar de memória ao escrever tal discurso volta ainda mais fundo, naquelas instâncias longínquas da matéria da memória, que, para Henri Bergson, “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (Bosi, 1999. p. 179). Aparentemente, naquele ano de 1948 buscava respostas nos tempos da primeira guerra mundial, quando era um jovem na altura da segunda década de vida. O seu diagnóstico surpreendentemente alinhado ao que hoje é amplamente discutido no âmbito dos estudos sobre as fissuras na ontologia dos sujeitos que foram esmagados pela Guerra Total. Depois de exortar que os seus interlocutores fiquem atentos para a importância dessa questão, inicia uma reflexão sobre como se lembrava de ter *sido no tempo* antes de explodir o “barril de pólvora” europeu.

Pertenço a uma geração que conheceu o mundo tal qual era, antes que sobre ele desabasse o cataclismo de 1914. Conheci, portanto, esse período incomparável da história, em que o liberalismo imperava sem contraste e o socialismo não assumira ainda o feio agressivo, totalitário e predador que lhe imprimiria a vitória definitiva das tendências marxistas sobre as soluções profundamente humanas defendidas pela escola francesa. O espetáculo de ordem e precisão que nos ofereciam as sociedades europeias de então; as conquistas pacíficas que se sucediam no terreno social; os surpreendentes progressos realizados pela ciência, e com estes a rápida expansão das indústrias e do intercâmbio entre os povos, davam a todos a impressão de que, afinal, havia a humanidade encontrado o caminho capaz de levá-la a paz e a solidariedade entre as nações. Não admira, pois, que todos nós jurássemos pelos postulados rousseauianos e que nos sentíssemos inclinados a ver em nossos semelhantes outros tantos homens de bem (Mesquita Filho, 1969. p. 63).

A divisão de um tempo anterior estava situada em torno das doutrinas liberais, as quais exaltava com paixão indisfarçada. O tempo das utopias e do progresso, quando julgava haver uma paz social ideal. Esse é um sentimento que, ao fazermos um exercício de perspectivismo e olhar aquela ordem de tempo por seus olhos, podemos compreender. Em outras palavras, JMF afirmava olhar o mundo com um olhar de “inocência”, ainda ignorando as agruras do “cataclismo”. Havia razões para o jovem Júlio se encantar pela

possibilidade de ver a solidariedade imperar, ao utilizar a mesma sociedade que Rousseau havia diagnosticado como a corruptora de homens para fins de reeducá-los. O próximo trecho do seu discurso muda para um tom mais sombrio, marcando o prelúdio para um ponto de inflexão, ainda que a retórica permaneça em tom grandiloquente.

Mas, veio a guerra e com ela a hecatombe de Charleroi e de Ypres, do Marne, do Somme e de Verdun. Se, por um lado, fremíamos de espanto ante a atroz carnificina, por outro, éramos empolgados por um religioso respeito ante a beleza inigualável de uma geração que consentia no sacrifício supremo para que não soçobrassem definitivamente os ideais que até então haviam constituído a própria substância da civilização greco-romana. Não conhecia limites o nosso orgulho por vivermos uma época em que se tornara possível o desabrochar de individualidades da elevação moral de um Psichari, de um Guinemer e de um Peguy. A espantosa tragédia parecia redundar no triunfo definitivo de Rousseau (Mesquita Filho, 1969. p. 64).

Nicolau Sevcenko (1992), historiador brasileiro que tocou nesse tema, faz uma análise que coincide com algumas das percepções enunciadas por aquele homem a discursar na metade do século XX. Segundo ele, a Grande Guerra não foi deflagrada com outro sentimento mais dominante do que o de esperança. A utopia era buscar a construção de um novo mundo, mais justo e mais livre. Isso reflete nas palavras de Júlio, que se regozijava por viver na época de grandes expressões da inteligência humana. A noção de sacrifício dava a poesia para a guerra, a partir da percepção que tudo aquilo era um ato de amor pela humanidade. Apesar das mortes, noticiadas aos milhares, parecia que aquela era a guerra para acabar com as guerras.

Esse sentimento, contudo, se tornaria em breve frio desespero e “ódio visceral à ordem existente”, “um misto de cólera reprimida e impotência”. Isso se deu por conta da carnificina prolongada e a utopia que havia seduzido e permitido ter esperança se esvaiu. Se em 1914 haviam presságios sombrios na Europa, depois da guerra total o mundo estava “dilacerado por conflitos sangrentos, ódios políticos, guerras civis... e a Era da Violência começou” (F. L. Carsten – *A ascensão do fascismo*) (Carsten Apud Sevcenko, 1992, p. 165). A explicação mais aceita é que a Primeira Guerra Mundial foi extremamente traumática porque o imaginário coletivo estava preso a uma noção bélica pré-tecnológica e ninguém “estava preparado para essa magnitude de perdas humanas”. É nessa brecha de tempo que um ressentimento generalizado sobre a guerra se estabelece, expresso no epitáfio proposto por Rudyard Kipling para

a juventude imolada: *If any question why we died, Tell them, because our fathers lied*<sup>9</sup>. Como veremos, as lembranças de JMF sobre esse tempo possuem uma sensível aproximação com esse epítáfio. A citação é longa, mas cristalina:

Por pouco tempo, porém, pois, a pretexto de implantar a justiça social no mundo, a revolução russa eliminaria pura e simplesmente classes inteiras, e para provar a excelência das lucubrações de um profeta em delírio, determinaria o extermínio de trinta milhões de criaturas! Haveis de convir, senhores, que era o bastante para que começasse a vacilar em nós a crença nos ensinamentos do pensador ilustre.

Não parariam, entretanto, aí as nossas decepções. O advento do totalitarismo vermelho nas estepes euro-asiáticas provocaria, como consequência necessária, a explosão do fascismo na Itália e do nazismo alemão. Por uma vez a dialética hegeliana encontrava nos acontecimentos uma aparência de confirmação: à tese comunista, vitoriosa na terra dos czares, respondia o Ocidente, subvertido pela guerra de 14, com a sua antítese, o totalitarismo da direita.

A violência com que irrompera a reação fazia acreditar no predomínio definitivo dos regimes de força. E, ante a inacreditável ousadia dos que negavam a moral e o direito e sob a capa de um pseudo-realismo político, proclamavam como norma sistemática de ação o mais deslavado amoralismo; a democracia, tal qual a havia concebido a civilização greco-latina, recuava vertiginosamente. *Os acontecimentos se encarregavam, assim, de oferecer o mais brutal dos desmentidos às teorias que, durante cerca de três séculos, haviam alimentado a crença numa humanidade melhor* (Mesquita Filho, 1969. p. 64-65. Grifos meus).

As primeiras perguntas lançadas no início do discurso delimitam lança ao encontro de uma rachadura ontológica, na forma da dúvida que indaga entre as concepções otimistas de Rousseau e o pessimismo de Freud. As duas experiências de guerra total presenciadas pelo personagem significavam a submersão desse sujeito no calor abrasivo dos “ventos das trincheiras”, conforme a expressão de Nicolau Sevcenko (Sevcenko, 1992. p. 156). Não apenas a guerra em si, mas os rumos políticos tomados no pós-guerra. O arcabouço filosófico de compreensão de mundo, alegoricamente ilustrado por JMF como o antagonismo entre os postulados de Rousseau e Freud, sofria aí a fratura definitiva, sistematizada depois no texto que ora estudamos.

Mal ferida em 14, desfalcada dos seus melhores elementos, sentindo vacilar em seus fundamentos toda a escala de valores sobre a qual construíra a sua visão das coisas e do mundo, a geração que recebera como um insulto o incêndio da Biblioteca de Louvaina e a mutilação da Catedral de Reims, assistiria, ante uma humanidade quase indiferente, à destruição de Londres e Coventry e, como um revide a esses dois atos de inédita

---

<sup>9</sup> [Se alguém perguntar por que morremos, diga-lhe, porque nossos pais mentiram]. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: companhia das letras, 1992. p. 166.



selvageria, o arrasamento de Berlim e Hamburgo, de Colonia e de Bremen, de Dresden e de Lubeck, de Casino e Aix-la-Chapelle. Trinta anos antes, ela aplaudira, fremindo de entusiasmo, o gesto de Einstein preferindo a proscricção a pôr sua assinatura no manifesto dos 90 sábios alemães em apoio à política de Guilherme II. Hoje, a que é que assistimos? Vemos esse mesmo Einstein convocar a fina flor da inteligência ocidental para se isolarem num deserto do Arizona e só dali saírem de posse da bomba atômica! Assim, senhores, a ciência, a ciência que fora a religião dos povos brancos, teria a sua apoteose em Hiroshima! Positivamente, Freud andara muito mais próximo da verdade! (Mesquita Filho, 1969, p. 65).

Essas palavras proferidas em 1948 encontram certa explicação quando lançamos o olhar para algumas páginas de autobiografia escritas daí a pouco mais de uma década. Ao arriscar uma sinopse, diríamos que o texto ensejou mergulhar no seu passado, em busca de si mesmo, elaborando a sua *escrita de Si* (Gomes, 2004. p. 07-23). Ao olharmos esse documento, partimos de algumas concepções de Paul Ricoeur (2007): segundo esse estudioso da filosofia da História e dos indivíduos que a habitam, a ideia de tempo é o lugar em que nós nos construímos enquanto seres, que nos situamos ontologicamente, e esse tempo se situa entre o nascimento e a morte. O que faz os indivíduos perceber e sentir os tempos é a sombra da morte que paira sobre eles (o pronome “nós” talvez seja mais adequado). Existe a certeza de que não somos imortais e que existiram outros antes de nós mesmos que, ao fitarmos retrospectivamente, tiveram que lidar com a própria mortalidade (Ricoeur, 2007, p. 358). Essa é a comprovação consensual que o tempo passa e a última consequência é a degradação da nossa própria vida. O enredo segue a sua autobiografia ensaiada já no outono da vida para narrar o *eu* de maneira que exclua as intempéries, as frestas de indecisões e fragilidades, aquilo que compõe uma *poiesis* da memória, ou uma memória trabalho.

Vamos a esse “cone da memória” e suas evidências.

**“Uma magnífica lição de democracia”:** o *cone da memória* e a *poiesis*

Os escritos de Júlio de Mesquita já referidos nunca foram publicados – exceto alguns fragmentos pelo Jornal *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* na ocasião de seu falecimento. Ele se esforça em narrar sua vida em retrospectiva, comparando-a com os momentos políticos que vivera a República brasileira desde o seu nascimento, no final do século XIX. O texto

datilografado pelo sujeito que faz um esforço memorialístico, se lança vertiginosamente aos seus dias de infância, vivida “na atmosfera sadia e revigorante de uma velha família paulista do século XIX”, em um casarão que lhe era acolhedor, mostrando grande admiração pelo seu avô, Cerqueira César. Mesquita conta que “pela sua casa passava quase todo São Paulo. Prestava-lhe homenagem diariamente [...] figuras de destaque de passagem pela Paulicéia”.<sup>10</sup> Nesses termos, o personagem ao passo que deseja dar a ver um ambiente tranquilo e feliz, revela também que passara seus primeiros anos num ambiente privilegiado e sem privações materiais.

Em um trecho posterior do mesmo documento, escreve como essa experiência de infância influenciaria o seu futuro e sua visão política. Suas impressões e leituras da realidade já aparecem nas primeiras páginas do texto:

A lição que me ficou da fase a que me refiro não podia afastar-se mais daquilo que hoje parece a própria *essência da democracia* e que, na realidade, nada mais é do que o nivelamento, por baixo, de todos os sentimentos. Se alguma filosofia me fosse dado extrair do estilo de vida que se observava na velha residência, ela deveria forçosamente concluir de maneira completamente oposta ao que se entende por democracia. Suas raízes iriam mergulhar naquele sentimento de solidariedade humana (...) para evoluir no sentido de atrair as classes menos protegidas para o nível de vida das elites. Seria, portanto, um movimento ascensional, e, nunca, como se verifica hoje, de cima para baixo. A linha de evolução social se aproximaria muito do fenômeno norte-americano, afastando-se, portanto, decididamente, das soluções europeias do problema social.<sup>11</sup>

Nesse trecho, encontramos algumas pistas da incidência da experiência enquanto sujeito no seu pensamento social. A ideia que brota no seu pensamento faz referência aos aspectos da sociedade brasileira, como a questão das classes sociais, compreendendo a si mesmo como sujeito de elite que tinha a missão de ajudar “as classes menos protegidas” a ascender. Sua referência às “soluções europeias do problema social” como algo que não devia ser aplicado no Brasil consiste em uma busca por aproximar a nossa “linha de evolução social” ao modelo estadunidense, reconhecidamente liberal, ao mesmo tempo que enfatizava o afastamento das experiências socialistas, que então estavam e voga nos países do leste europeu. O modelo de República pensado por Mesquita primava por uma incidência mínima do Estado nos negócios da

---

<sup>10</sup> MESQUITA FILHO, Júlio de. Escritos avulsos, datilografados e rabiscados pelo autor. p. 1. Fonte cedida por Ruy Mesquita Filho, do seu arquivo particular. Grifos nossos.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 2.

sociedade. Ele situa esse trecho num tempo próximo à infância, notadamente desejando passar a impressão de um sujeito que sempre estivera idêntico a si mesmo (Bourdieu, 2006).

Segue algumas páginas descrevendo como fora a sua formação intelectual, ressaltando a vontade da parte do seu pai, Júlio Mesquita, que cursasse medicina. Contra a vontade dele, “um homem do século passado, que acreditava que a cultura [estava] baseada na Física, na Química e na Biologia” de maneira mais sólida do que “nas letras propriamente ditas, a filosofia e as Ciências Sociais”<sup>12</sup>, Mesquita Filho seguiria a carreira justamente nessas últimas. A formação básica teria sido baseada em leituras como era as corriqueiras que “constituíam o acervo espiritual de um estudante de 5º e 6º ano de humanidades, na Suíça e na França daquele tempo”. Ao descrever essas leituras, remete novamente a nomes como Peguy, Psichari que teriam preparado a juventude espiritualmente para o sacrifício em Verdun, Ypres, Marne e Somme – batalhas que figuravam no seu pronunciamento feito alguns anos antes e discutido no tópico anterior.

Outra convergência entre os esforços memorialísticos nos dois momentos – 1948 e no ano impreciso da década de 1960. As suas crenças sobre o espírito da História entram em polvorosa durante o tempo que separa a temporalidade antes da Primeira Guerra e os destroços deixados pela Segunda Guerra. Em JMF, o tributo da *Era dos Extremos* foi promover uma mudança em sua visão filosófica sobre a humanidade, antes protagonizada por Rousseau. A partir da “derrocada de Rousseau”, passaria a ver a realidade como um palco das ideias freudianas, onde as pulsões eram atrizes principais e que todo homem deveria ser considerado “um refinado patife” até que provasse o contrário. Essa referência a Sigmund Freud encontra aproximações ao seu ensaio *Mal-estar na civilização* (Freud, 1978, p. 167), escrito em 1930, que, retomando Hobbes, afirmava: *Homo homini lupus*. Desse modo, a sua maneira de pensar o Brasil e o sistema mundo estavam inextricavelmente ligadas. Atuando em palcos indiretos como o jornal do qual era proprietário, em editoras bem como em militâncias mais incisivas, reuniões conspiratórias contra regimes políticos antiliberais e em “revoluções”, esse indivíduo dá o

---

<sup>12</sup> MESQUITA FILHO, Júlio de. Escritos avulsos, datilografados e rabiscados pelo autor. p. 11. Fonte cedida por Ruy Mesquita Filho, do seu arquivo particular.

tom de climas históricos ainda enigmáticos. O veredicto é lacônico e peremptório:

[...] essa concepção rousseauana da humanidade seria, porém, totalmente destruída por tudo quanto me foi dado presenciar nos anos da ditadura Vargas, no contato com a canalha getulesca, nas prisões e no exílio. Daí para cá, invertera-se-me a concepção sobre meus semelhantes: quem tem razão é Freud e não o cidadão de Genebra...”<sup>13</sup>.

O barulho ensurdecedor das metralhadoras e das bombas que espatifavam o frágil corpo humano de uma maneira inédita e terrível. Conforme o relato de Walter Benjamin, a pobreza da experiência se tornou um fenômeno perturbador<sup>14</sup>. Aquela Europa aparentemente idílica observada pelo jovem brasileiro Júlio logo se tornaria escombros – literal e figurativamente –, o que não impediria de permanecer sendo sua inspiração de liberalismo, crente em sua superioridade cultural. No Brasil, um *status quo* igualmente saudoso de sua infância, não mais conseguiria esconder suas vísceras de desigualdade. O liberalismo clássico do século XIX teve considerável parcela de responsabilidade nas guerras do século seguinte. Ainda assim, muitos viam esse modelo como a marca de um tempo áureo. A *belle époque* era um sonho aristocrático, e que se tornaria tradição para o futuro. O tempo em que o sangue do colonialismo pôde ser camuflado como a tinta do progresso se tornou modelo. Mas essa “solução”, paradoxalmente, tomou parte no problema que levou as aves de rapina a se empanturrarem com carne humana durante o breve século XX.

O vértice da sua memória e experiências, organizados nessa ordem discursiva, e a proposta é um retorno ao liberalismo e a tradição que fora destruída pela guerra e pelo autoritarismo. Agora, portanto, as noções antes otimistas estavam transformadas. O pressuposto de todos são “refinados patifes” até que o contrário seja provado leva a um olhar conservador. O conceito de liberalismo, para Júlio, sofre uma mudança. O elogio às doutrinas

---

<sup>13</sup> MESQUITA FILHO, Júlio de. Escritos avulsos, datilografados e rabiscados pelo autor. p. 11. Fonte cedida por Ruy Mesquita Filho, do seu arquivo particular.

<sup>14</sup> Essa passagem é um curioso caso em que o autor serve igualmente como aporte teórico e fonte de pesquisa, dada a contemporaneidade entre Walter Benjamin e Júlio Mesquita Filho. Ambos conheceram a mesma Europa e foram, de lugares diferentes, expectadores dos acontecimentos a que se referem. A coincidência chega, inclusive, ao ano de nascimento de ambos sendo 1892. Por isso, essa referência irá figurar entre os referenciais teóricos do texto e na listagem de fontes. Ver: BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-124.

liberais do sujeito pode ser melhor compreendido agora, uma vez que penetramos em algumas instâncias da sua *poiesis* ou autocriação como indivíduo. Voltamos às ideias propagadas nas palavras pronunciadas aos formandos da USP em 1948. Falava ele o seguinte, criticando mordazmente o socialismo, seguida de uma intensa apologia ao liberalismo, que considerava antípoda daquele.

E que é que pretende o socialismo? Se não nos enganamos, um padrão de vida capaz de garantir a todos a felicidade e o bem-estar que hoje é o apanágio de alguns apenas. Pois bem, senhores. Onde esse ideal foi até agora atingido, senão nos Estados Unidos, terra por excelência da livre concorrência, da liberdade individual e onde a ausência quase absoluta de um partido de extrema esquerda nos está a demonstrar o exotismo dessa planta no Continente americano? Não creio no marxismo porque já não creio em Rousseau. Aliás, que sentido poderá ter a estranha atitude da ditadura vermelha baixando um "ukase" contra as afirmações do Mendelismo? Não estará nessa singularíssima atitude a confissão implícita de que Mendel e Freud feriram de morte o postulado básico sobre o qual se ergue toda a engenhosa construção marxista? Por que, pois, apostasiar? Por que abandonar a sólida posição conquistada pelo empirismo liberal, pela miragem falaz do apriorismo marxista? (Mesquita Filho, 1969, p. 74).

O tropo discursivo irônico ao afirmar que o liberalismo suplantou a interpretação marxista configura uma busca de coerência. O bico do funil pelo qual escorria as gotas da sua experiência continha o cuidadoso acréscimo de um enunciado subjacente que autorizava um lugar de fala. As críticas feitas aos sistemas que pretensamente teriam sido uma aplicação das fórmulas marxistas, não tinham reservas em adotar a postura elogiosa a ideia de liberalismo. Escamoteava-se que os autoritarismos que então rememorava como expressões do terror vieram justamente como fruto de um avanço sistemático do capitalismo. Para demonstrar isso, mais uma vez evocamos Sevcenko (1992), que aponta como o tempo histórico de recrudescimento de um liberalismo excludente da Primeira República no Brasil favoreceu a emergência dos mitos que se propusessem iluminar com suas luzes os pontos escuros da sociedade. Vargas fora elevado à categoria de mito, como um feiticeiro a propor estranhas curas aos males da multidão. A interpretação do historiador vem na forma de uma sequência de límpidas perguntas retóricas:

Nesses tempos de fogueiras e rituais, os homens pareciam querer se entregar voluntariamente, como que hipnotizados, à voz de comando dos novos aprendizes de feiticeiro. Mas não era observando o comportamento dos celebrantes que os novos magos aprendiam o seu ofício? O que será que havia nesse canto

das sereias modernas para que tanta gente em tantas partes do mundo se entregasse a ele de forma tão completa, física e mentalmente? (Sevcenko, 1992, p. 307).

Este autor chega à conclusão de que o mito é composto de “projeções” das multidões sobre uma pessoa, galvanizando a cena pública, “transformando a política numa ritualização das fantasias e do entusiasmo coletivo”. Os cataclismos do século, tão tenebrosos a ponto de derreter os valores de um indivíduo que esteve atento aos acontecimentos do hiato entre as guerras e participe deles, parece retomar a uma imagem de pensamento anterior. Um remédio que se sabia não ser cura, mas um frágil paliativo. A memória-hábito do Júlio de 1948, bem como do que escrevia alguns anos mais tarde, buscava em seu relicário a justificativa para catapultar para a próxima geração as experiências da sua, bem como os traumas de quando se desviaram das doutrinas a que possuía tanta simpatia. De certa maneira, isso coincide exatamente com o que escreve Enzo Traverso sobre os usos políticos do passado, já que o “[...] capitalismo e o liberalismo parecem ter-se tornado novamente o destino inelutável da humanidade, como tinham sido descritos por Adam Smith na época da Revolução Industrial e por Tocqueville depois da Restauração” (Traverso, 2012, p. 121).

### **Considerações finais:**

Quando jovem, Júlio de Mesquita Filho esteve estudando em Portugal e, depois, na Suíça. Lá, recebeu os primeiros fundamentos intelectuais, baseados numa formação possível apenas para a elite, de condições financeiras privilegiadas. Uma vez munido de conhecimentos teóricos, teceria sua própria visão sociológica acerca do Brasil. Coloquemos sempre em vista a ideia de que os “anseios não estão definidos antes de todas as experiências” (ELIAS, 1995, p. 13); as vidas humanas têm como uma das suas características a constante atualização dos propósitos, salvo se considerarmos a metafísica do destino. Não é este o caso, pois o mote é entrever como o personagem foi se tornando um homem com fronteiras demarcadas, a partir das suas próprias experiências vitais, lembrando o exemplo de Jacques-Pierre Brissot. Essas memórias – tanto aquelas tornadas públicas em algum auditório da USP em 1948 como esse relato autobiográfico mais intimista – tratam de reflexões de um *sujeitado* a um

tempo e que buscou organizar o caos que presenciou. O seu *plano de imanência*<sup>15</sup>, ou estratégias do pensamento para recortar alguma fatia de sentido naquilo que não possui sentido *per se*, parte de um reservatório de memórias cujo vértice do cone é desejoso de apontar um caminho.

Os olhares impertinentes que lançamos aos pensamentos de JMF, um indivíduo instaurado em ordens de tempo diversas da que escrevemos na nossa contemporaneidade, nos desvela para além de qualquer esforço hermenêutico ou filológico, mundos sonhados e pesadelos que assombraram não apenas um dos que respiraram naquelas épocas. Concluimos, com vistas mais uma vez ao que disse o professor Nicolau Sevcenko, que esses textos são memórias que se despejaram as “alternativas históricas possíveis” (Sevcenko, 1999, p. 23), ainda que derrotadas ou apócrifas; insólitas dentro de um mundo que não tolera a mão organizadora; da realidade que não pode “ser arrumada como um tabuleiro de xadrez”. O passado de Júlio tocava o *seu* presente, como reminiscências de estar em outros tempos. Sonhava com a democracia que aprendera na “atmosfera revigorante” da casa do avô. Uma democracia ao seu modo, ao modo de certa categoria de sujeitos daquele tempo. Afinal, todos os conceitos são históricos, e os que o mobilizavam não eram diferentes.

Esse passado narrado remete aos ensaios de Walter Benjamin, notadamente *O narrador* (Benjamin, 2012, p. 213), sobre a busca de transmissão de uma experiência (*Erfahrung*) por meio do ato de contar histórias. Júlio Mesquita Filho, intelectual brasileiro que não foi partícipe tão assíduo dos círculos acadêmicos nacionais da época, conta uma história e baliza a sua vivência em uma época de mitos emergentes, *tempos fraturados* e espetáculos de massificação e retorno ao estado de guerra na *era dos extremos do breve século XX*<sup>16</sup>. A sua memória de um ser no mundo (*Dasein*) é engrenagem para

---

<sup>15</sup> Na história da filosofia, as categorias *imanência* e *transcendência* ocupam um palco central. Em linhas gerais, imanência valoriza a autonomia das pessoas ao longo da sua vida em nomear e habitar o mundo, ao passo que transcendência segue o caminho oposto, dando ênfase nas estruturas e condicionamentos que são externos às vontades individuais, muitas vezes com ligação ao metafísico. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 36-37.

<sup>16</sup> Esse texto foi escrito com o olhar detido sobre a interpretação do historiador britânico Eric J. Hobsbawm, que escreveu grandes clássicos que lançam graus de compreensão sobre diversos processos históricos do século XX. Anoto em especial obras que encontram citadas indiretamente nesse parágrafo. Ver: HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados: Cultura e sociedade no século XX*. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

tomarmos esses relatos como preciosos testemunhos de um indivíduo – na acepção de Norbert Elias sobre o papel do indivíduo na História – e obtermos a conhecibilidade do passado que o mobilizou. Nesse sentido, remetemos a epígrafe desse tópico que admite: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal qual ele de fato foi’”, mas fitarmos o relampejar da sua imagem nos momentos de perigo e daí tirar alguma compreensão “sobre a estranheza do que acontece hoje”. Os mundos habitados por Mesquita Filho sofreram fraturas, e nesse penetrar noite adentro os insones que fitavam a escuridão buscavam enxergar maneiras de refundir as vértebras do século (*vek*), e ao tentar criar um novo mundo, apelavam para o velho, aquele que existia antes que “sobre ele desabasse o cataclismo de 1914”. A solda, todavia, parecia insuficiente para deter o lusco-fusco em crescendo.

### Referências bibliográficas

#### Ensaio

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MESQUITA FILHO, Júlio de. Dissidência republicana, reação democrática. In: *Política e cultura*. São Paulo: Martins Editora, 1969.

\_\_\_\_\_, Júlio de. Declínio de Rousseau. In: *Política e cultura*. São Paulo: Martins Editora, 1969.

MESQUITA FILHO, Júlio de. “O Estado de São Paulo” e a questão social. In: *Política e cultura*. São Paulo: Martins Editora, 1969.

#### Sites consultados:

FERREIRA, Marieta de Moraes. Júlio de Mesquita Filho. Verbete Biográfico. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo>> acessado em 02 de jul. de 2019.

#### Monografias:

MACÉDO, Francisco Adriano Leal. *Nação como retórica: a construção da ideia de Brasil por Júlio de Mesquita Filho (1932-1964)*. 2018. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

#### Livros e capítulos de livros:

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. In: *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.



BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *A evolução criadora*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. São Paulo: FGV, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*: o submundo das letras no antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010.

ELIAS, Norbert. *Mozart*: sociologia de um gênio. Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Os pensadores*. São Paulo, Abril, 1978.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 07-23.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados*: Cultura e sociedade no século XX. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Extremos*: o breve século XX, 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIKOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: companhia das letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TRAVERSO, Enzo. Usos políticos do passado, In: \_\_\_\_\_ *O passado, modos de usar*: história, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

#### **Artigos de periódicos:**

GOMES, Angela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para debate. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.34, jul-dez, 2004.